

Heterogeneidade e humor em videomontagens do YouTube

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil
ligiamenossi@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.636>

Resumo

Dilma e Lula, candidatos às eleições presidenciais de 2006 e 2010, são os alvos do discurso humorístico derrisório em videomontagens do YouTube que constituem nosso *corpus* de análise. Estamos embasados teoricamente na heterogeneidade enunciativa, todavia acreditamos que quando se trata de um Outro satírico que é trazido para o fio do discurso, esse discurso satírico se apresenta sempre dissimulado nos traços do interdiscurso. Desse modo, defendemos que, para se pensar a derrisão do político em suportes como o YouTube, a noção de heterogeneidade possa ser pensada como heterogeneidade dissimulada (BARONAS, 2005) que se diferencia da constitutiva, da mostrada marcada e da não marcada de Authier-Revuz (1990). Isso porque não se trata de uma negociação em que o discurso do Eu delimita ou denega o discurso do Outro, mas uma tentativa de apagamento desse discurso Outro por meio de uma interincompreensão regrada, ou seja, esse discurso Outro é traduzido para o discurso do Mesmo, o próprio Eu que se defronta com o Outro, por meio da construção de um simulacro do discurso primeiro (MAINGUENEAU, 2007).

Palavras-chave: humor; derrisão; heterogeneidade; simulacro.

Hétérogénéité et humour dans des montages vidéo sur le YouTube

Résumé

Dilma et Lula, les candidats aux élections présidentielles de 2006 et 2010, sont les cibles du discours humoristique dérisoire dans les montages vidéo sur le YouTube qui constituent notre *corpus* d'analyse. Notre recherche est théoriquement fondée dans l'hétérogénéité énonciative, mais nous croyons que le discours satirique a toujours caché dans les traits du interdiscours quand il s'agit d'un Autre satirique apporté dans le fil du discours. Ainsi, pour penser à la dérision de la politique sur les médias comme YouTube, nous soutenons que la notion d'hétérogénéité peut être considéré comme l'hétérogénéité dissimulé (BARONAS, 2005) qui diffère de l'hétérogénéité constitutive montré marquée et de l'hétérogénéité non marquée de Authier-Revuz (1990). Ceci est parce qu'il n'est pas une négociation dans laquelle le discours de Moi dessine ou nie le discours de l'Autre, mais c'est une tentative d'effacer ce discours Autre à travers d'un interincomprehension réglé, à savoir que le discours Autre est traduit pour le discours du Même, le Moi qui est confronté à l'autre, par la construction d'un simulacrum du discours premier (MAINGUENEAU, 2006).

Mots-clés: humour, dérision, hétérogénéité, simulacrum.

O *corpus* de análise deste trabalho é composto por duas videomontagens do YouTube intituladas *Lula Bebum* e *Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura*. Constitutivamente multimodais, elas representam uma porção crescente de discursos que agregam simultaneamente diferentes materialidades verbais, imagéticas e sonoras que se tornam indissociáveis (MAINGUENEAU, 2015). Ademais, esses discursos, por

estarem abrigados em *sites* como o YouTube, são, muitas vezes, resultado de uma retomada de gêneros de outras mídias, como a televisão, e, ao agregar outras possibilidades de criação, passam a ser vistos também como um meio de promover a reflexão em torno de questões sociais e políticas.

O YouTube, portanto, é uma ferramenta singular de expressão do pensamento social e político dos cidadãos/internautas que pode ser visto como uma extensão do próprio homem (MCLUHAN, 2002), do seu próprio corpo, das suas ideias, pois consegue suscitar mudanças e influenciar relações. Segundo Burgess (2009, p.60), é possível entender o YouTube não somente como uma empresa de mídia, uma plataforma de conteúdo criada por usuários, mas “como um mecanismo de coordenação entre a criatividade individual e coletiva e a produção de significado; e como um mediador entre vários discursos e ideologias divergentes” voltados para o mercado, a audiência ou o usuário.

Diante da possibilidade de expressão, nos deparamos com o discurso humorístico derrisório¹ nas videomontagens trazidas para a análise que têm como finalidade questionar e denegrir, por meio da sátira, determinados valores ou determinada ordem instaurada em nossa sociedade e, esses questionamentos, neste caso, tem como alvo os então candidatos à presidência em 2006 e 2010, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, respectivamente. Ademais, entendemos que esse gênero videomontagens humorísticas derrisórias (ARAUJO, 2011) foge do policiamento imposto pela legislação e pela ordem do politicamente correto devido a sua utilização para contestar por meio de uma desqualificação agressiva (BARONAS, 2004). A desqualificação de um oponente por meio da zombaria é um recurso enunciativo muito utilizado também nos dias atuais porque

[...] essa técnica de oratória seria conhecida pelos retóricos clássicos como tropos zombeteiro, meios linguísticos, cuja finalidade é justamente diminuir o adversário suscitando o riso num determinado auditório. Mais modernamente, o tropos zombeteiro, despido de seu característico psicologizante, foi reelaborado, passando a ser concebido pelos teóricos do discurso como derrisão: uma estratégia argumentativa que não se reduz ao riso [...], isto é, uma espécie de “amabilidade verbal” violenta que por produzir o riso foge de sanções negativas da legislação e, principalmente da opinião pública (BARONAS, 2004, p. 7).

O sujeito-produtor das videomontagens assume o que diz, mas os efeitos do seu dizer podem ser amenizados pelo efeito da zombaria ou pela mobilização de um discurso já cristalizado na sociedade (BARONAS, 2005). Desse modo, entendemos que o discurso derrisório traz o Outro (do sujeito-produtor da derrisão) explicitamente, trata-se de um Outro satírico, um pouco diferente do Outro laciano e o outro dialógico mobilizado por Authier-Revuz (2004), pois mostra-se zombeteiro quando aponta, por meio da inserção de elementos multissemióticos, supostas falhas daquele a quem ele quer denegrir, construindo um *simulacro* do discurso primeiro.

Diríamos que quando se trata de um Outro satírico, zombeteiro, que é trazido para o fio do discurso do Eu, esse discurso satírico se apresenta sempre dissimulado nos traços do interdiscurso. Nesse caminho, temos como objetivo neste trabalho mostrar que, para se pensar a derrisão do político em suportes como o YouTube, a noção de

¹ Segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous (2003, p. 35), a derrisão é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria.”

heterogeneidade possa ser expandida e pensada enquanto heterogeneidade dissimulada (BARONAS, 2005).

Acreditamos que a noção de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada formulada por Authier-Revuz (2004), embora bastante pertinente para dar conta de *corpora* políticos marcadamente sérios, que circulam em suportes textuais tradicionais: livros, jornais e revistas impressas, por exemplo, necessita de uma reconfiguração no tocante ao tratamento de discursos como aqueles que carregam um discurso humorístico derrisório. Essa expansão do conceito de Authier-Revuz (2004) pode ser vista como uma das evoluções que, segundo Maingueneau (2015, p. 161), “modificam o olhar que o pesquisador projeta sobre os *corpora*, que são cada vez menos integralmente verbais. Dado que um número crescente de produções discursivas é multimodal”.

“Olhos de cigana oblíqua e dissimulada”

As videomontagens, como veremos, possibilitam a construção da *polêmica como interincompreensão regrada* (MAINGUENEAU, 2007) visto que é o sujeito que constrói o seu discurso ao tomar o discurso do outro e, ao mesmo tempo, evidenciar o que deveria ser corrigido naquele discurso outro que não é dele. Ao tomar esse discurso por meio de sua formação discursiva, ele possibilita a criação de um *simulacro* do discurso do Mesmo, o que levanta uma relação de polêmica. Baronas e Kosciureski (2006, p. 240) esclarecem:

[...] Trata-se de uma heterogeneidade dissimulada, pois o discurso primeiro se constitui a partir de uma *interincompreensão* regrada pelo discurso segundo (MAINGUENEAU, 2007, p. 22), ou seja, o sujeito introduz o Outro “em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma de ‘simulacro’ que dele constrói” [...] No caso específico da heterogeneidade dissimulada é possível evidenciar a existência de um enunciado sobre o simulacro de um enunciado. Simulacro esse que é construído a partir de uma “não compreensão” dos enunciados do Outro. Em outros termos, a heterogeneidade dissimulada constrói o outro a partir de seu interdiscurso.

Pensar a expansão de um conceito como o de Jacqueline Authier-Revuz é uma tarefa que surge com o intuito de dar conta de novos objetos, de novas discursividades, tais como os discursos multimodais. A estudiosa compila suas ideias a partir da materialidade linguística, do enunciado escrito não há um olhar para o imagético, o multimodal. Já em nosso trabalho, tratamos de videomontagens que além de multimodais são tidas como humorísticas, isso implica que o Outro seria satírico e faria uso da composição dos elementos multimodais para sustentar esse efeito de dissimulação, o que resultaria em uma heterogeneidade dissimulada do discurso.

Uma vez que a heterogeneidade dissimulada mostra-se singular para os estudos discursivos atuais, buscaremos confirmar a pertinência do conceito assim como verificar seu funcionamento. Nossa reflexão de base essencialmente epistemológica busca examinar um *corpus* de análise de uma ordem diferente daquela apreciada por Authier-Revuz, ademais os discursos multimodais, as videomontagens, podem ser encontradas no ambiente virtual, no ciberespaço, um lugar de circulação de discursos que condiciona sua produção discursiva em torno de diferentes materialidades.

Heterogeneidade enunciativa

A heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990, 2004) é explanada como sendo de dois tipos: a constitutiva e a mostrada sendo a última marcada ou não marcada. Consideradas como processos distintos, mas não separados, a heterogeneidade constitutiva concerne os “processos reais de constituição dum discurso” e a heterogeneidade mostrada refere-se “aos processos de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32), ambas objetivam mostrar como o discurso ora é visto como transparente ora como opaco.

A heterogeneidade mostrada traz o outro para a cadeia discursiva e se deixa ver com mais clareza pelo seu caráter de *não ocultamento*. Ela tem como característica não somente a presença do discurso do outro no discurso do locutor, mas também a percepção por este locutor dessa presença e o desejo de que ela seja percebida. Contudo, ela pode não se apresentar com marcas visíveis em um discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990), mesmo conscientemente produzida pelo sujeito, podendo, assim, constituir-se de duas formas: *marcada e não marcada*.

A heterogeneidade mostrada marcada é da ordem da enunciação, visível na materialidade linguística e assinalada de maneira unívoca. Ocorre quando o sujeito, além de perceber a presença do outro em sua fala, é levado a optar por deixar claro que é o outro que está falando, são os chamados *pontos de heterogeneidade* que denunciam o lugar do Um e do outro (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.14). A heterogeneidade mostrada marcada pode ser entendida a partir de duas categorias: a primeira assinala explicitamente as formas que inserem, na linearidade do fio do discurso, o outro. Sendo esse outro o do discurso relatado como no discurso direto e no indireto com seus delineamentos sintáticos que apontam para o fato de que há um outro ato de enunciação discursiva. No discurso indireto, o sujeito comporta-se como tradutor indicando o outro como fonte de sentido do que está sendo dito (uso dos conectivos *que* e *se* ou expressões que sugerem de onde procede a voz: *segundo, conforme, ponto de vista de*); no discurso direto, o sujeito dá lugar às próprias palavras do outro, trazendo com fidelidade, funcionando como um “*porta-voz*” (verbo de dizer + dois pontos).

Já as que denominamos por segunda categoria apontam para um alteridade enunciativa que sinaliza um sentido especial ou um outro sentido que vem conotado por um enunciador outro. Assim, as formas marcadas de *conotação autonímica* em que o locutor, mesmo não mencionando o discurso do outro, o integra à cadeia discursiva numa continuidade sintática, ele “faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.13) e assim o faz por meio de aspas, itálico, *bold*, parênteses ou por uma entonação que mostram um *estatuto outro* em relação ao resto do discurso. É o que podemos observar no exemplo abaixo, um *slide* retirado da videomontagem *Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura* que supostamente representa uma pergunta feita por um internauta à candidata Dilma Rousseff em seu *blog Dilma na Web* durante a pré-campanha presidencial.



Figura 1 (00:05 – 00:10)

Após visualizarmos a figura 1, é possível entendermos que se trata de uma forma de conotação autonímica em virtude do sujeito produtor trazer o discurso do internauta para a videomontagem sem sua reprodução fiel; ele é trazido como uma inscrição, uma continuidade sintática no fio do discurso do sujeito-produtor. À época, Authier-Revuz não se ocupou em olhar para matérias multissemióticas, o enfoque estava nos enunciados, nos discursos produzidos, na materialidade linguística, desse modo transcrevemos o enunciado aspeado: “Ex-ministra do Presidente Lula, quais são seus livros preferidos?”. Notamos que, ao inscrever o internauta, o sujeito-produtor marca a presença desse discurso outro por meio de aspas.

Quanto às proposições de Authier-Revuz, há também, nessa segunda categoria, os comentários, as glosas metaenunciativas que indicam uma não coincidência do dizer e referem-se à modalização autonímica do discurso. Resumidamente, diríamos que essas glosas ocorrem quando se insere em uma língua ou variedade de língua utilizada por determinado grupo ou situação com uma glosa que nomeia esse outro estrangeiro, o traduz, ou explicita como sendo uma palavra “normal” ali inserida (AUTHIER-REVUZ, 2004). Uma terceira ocorrência para trazer o outro seria inserir uma instrução sobre como interpretar e significar determinada palavra apontada no discurso, ou seja, apontar as diferentes formas de metalinguagem que tentam ajustar a palavra à situação discursiva em que está inserido o exemplo, e o modo de dar pertencimento a determinadas palavras ou expressões que estão em curso quando insere expressões, tais como: “X, como diz x, para usar as palavras de x, o que X chama de x...” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.17).

A heterogeneidade mostrada não marcada manifesta-se em discursos em que não há uma fronteira prontamente delimitada entre o Um e o outro, como no discurso indireto livre, na ironia, na antífrase, na imitação, na alusão, no pastiche, na reminiscência e no estereótipo; caracteriza-se por instaurar a presença do outro de maneira mais diluída no discurso, não é possível apreendê-la no fio discurso, só é possível reconhecê-la e interpretá-la “a partir de *índices recuperáveis* no discurso em função de seu exterior” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18, grifo da autora).

Como exemplos para a questão da heterogeneidade mostrada não marcada, consideraremos o enunciado presente em um *slide* (figura 2) também extraído da videomontagem *Direto ao assunto: Episódio#02 – Literatura* transcrito: “Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula”. O sintagma no qual nos prendemos é *Direto ao assunto* isto porque entendemos que os demais componentes simbólicos e semióticos presentes também constroem sentido, entretanto nosso enfoque é refletir, por

meio de exemplificações, sobre os funcionamento da questão da heterogeneidade mostrada não marcada em nosso material de análise.

Entendemos que se trata de uma marca de heterogeneidade mostrada não marcada no discurso, pois recupera por meio de uma memória discursiva a alusão construída acerca do programa de rádio diário *Direto ao Assunto* do jornalista José Nêumanne Pinto² na Rádio Jovem Pan, que é crítico do governo Lula e dos aliados ao Partido dos Trabalhadores. Essa menção de forma implícita caracteriza uma heterogeneidade mostrada não marcada em que a voz do outro, um opositor ao partido da candidata, pode ser restaurada quando se tem conhecimento do programa de rádio; caso o internauta não conheça, essa ideia não estará mostrada.



Figura 2 (00:04 – 00:14)

Há alguns indícios também inseridos em seqüências discursivas que conduzem o olhar para que se identifique o outro em uma remissão explícita de um determinado trecho de um acróstico ou trocadilho, na justaposição por incursão/invasão de uma palavra-valise, além da inversão de sílabas e palavras, ou seja, transformações em trocadilhos e também nas metáforas; nas palavras de Authier-Revuz, essas formas de heterogeneidade mostrada não marcada são “o das *outras palavras, sob as palavras, nas palavras*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18, grifo da autora). Logo, cabe salientar que se a fronteira entre os discursos de um e de outro apresenta-se mais diluída, é preciso, para entender esses discursos em que encontramos a heterogeneidade mostrada não marcada, recorrer a um exterior linguístico, a diferentes contextos e ativar os saberes que nos engendram.

Entretanto, muitas vezes, a diluição do outro é tão acentuada que se torna arriscada, pois aproxima-se das “fronteiras” da heterogeneidade constitutiva a ponto de poder perder-se diante dela e acabar por ser dissolvido; assim, a heterogeneidade mostrada seria “um modo de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26).

Essas formas de heterogeneidade mostrada na cadeia discursiva chegam a um ponto que se esgotam, exigindo, da análise e interpretação, a identificação da presença do outro no fio do discurso por meio da heterogeneidade constitutiva; por isso, há “o ponto-limite da heterogeneidade constitutiva onde esgotaria a descrição linguística”. Haveria uma busca pelo ponto-limite entre as duas formas de heterogeneidade que se extenuaria quando tomadas pelo fato de não se poder “articular a *realidade linguística* das formas mostradas de heterogeneidade à *realidade* da heterogeneidade constitutiva”

² Fonte: <<http://neumanne.com/novosite/categoria/direto-ao-assunto/>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

(AUTHIER-REVUZ, 2004, p.21, grifo da autora). A heterogeneidade mostrada em suas formas de descrição linguística, de inscrição do outro no discurso, estaria ancorada na heterogeneidade constitutiva por meio de modalidades incertas de seu resgate e também, mais frequentemente, pelos modos mais explícitos de fazer emergir a presença do outro.

Lula bebum

Uma crença do imaginário popular – corroborada pelos meios de comunicação – é a de que Lula consome muita bebida alcoólica a ponto de comprometer seus pensamentos e atitudes, fato esse sustentado pelo interdiscurso, já que o próprio Lula cita em suas falas o consumo da “caninha” como ferramenta para criar uma proximidade com a população, um clima de simbiose entre ele e o público (MACHADO, 2012). Lula sempre recorre à narrativa de vida para sensibilizar o auditório, é comum o político fazer uso do *storytelling*³ (SALMON, 2007), igualmente, ele constrói metáforas acerca do tema que discute de maneira própria e dá a entender que algumas atitudes lhe sejam características do cotidiano. Além disso, algumas de suas aparições permitem que esses discursos outros possam se apoiar em imagens e/ou nas próprias atitudes e corroborar com a ideia de que Lula faz uso demasiado de bebida alcoólica, Lula seria cachaceiro, seria “bebum”. É o que podemos constatar na videomontagem *Lula Bebum*, selecionada para este artigo.

Composta por 17 slides, *Lula bebum* traz diversas imagens, sendo a maioria delas do presidente Lula sempre envolto em alguma situação informal com ou sem clareza do que realmente ele estaria fazendo. Durante a visualização de cada imagem, na maioria delas, há a inserção de uma tarja vermelha que carrega o discurso do sujeito-produtor que tem como objetivo afirmar que Lula consome bebida alcoólica demasiadamente e, por isso, mostra-se incapaz de governar o país.

A inserção dessa tarja vermelha sugere a construção do sentido de proibição, o que Lula faz é inaceitável devido ao posicionamento e às responsabilidades assumidas por um presidente da República, portanto, ele não deveria embriagar-se. Essa sequência de imagens que tem o tempo total de três minutos e seis segundos é composta por fotos do ex-presidente em diferentes momentos, com garrafa de bebida alcoólica, charges, imagens de seus supostos opositores e montagens fotográficas, enquanto a montagem é exibida, é executada a música *Eu bebo sim*⁴ interpretada pela cantora Elizeth Cardoso.

Debruçando-nos de maneira mais atenta, o terceiro, sexto, sétimo e oitavo *slides* (figuras 3, 4, 5 e 6, respectivamente) foram recortados, pois, como supomos, constroem o discurso do sujeito-produtor caracterizado por uma heterogeneidade constitutiva do

³ Cristian Salmon, em sua obra *Storytelling, la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits* (2007), defende a ideia de que a narrativa de vida consolidou-se como um método de argumentação e persuasão nos discursos políticos, há uma nova ordem narrativa que traz “exemplos” da vida pessoal do candidato que podem influenciar e/ou seduzir os eleitores.

⁴ Música: Eu bebo sim, intérprete Elisete Cardoso: Eu bebo sim!/Eu tô vivendo/Tem gente que não bebe /E tá morrendo/Eu bebo sim!/Eu tô vivendo/Tem gente que não bebe/E tá morrendo/Tem gente que já tá com o pé na cova/Não bebeu e isso prova/Que a bebida não faz mal/Uma pro santo, bota o choro, a saideira/Desce toda a prateleira. Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/elizeth-cardoso/eu-bebo-sim/371254>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

discurso que lhe é inerente para existir e uma heterogeneidade dissimulada. Observemos o terceiro *slide*⁵ (figura 3) que é composto por uma fotografia do presidente Lula em um palanque juntamente com outras pessoas, podemos ver do seu lado esquerdo a primeira dama Marisa Letícia que usa um adorno na cabeça que parece ser de flores nas cores vermelho e branco; do seu lado direito, está o prefeito de Blumenau em 2003, Décio Lima, ambos usam chapéu vermelho decorado em verde e branco típico da região Sul do país (chapéu tirolês), usado em festas como a *Oktoberfest*⁶ em Blumenau onde se servem barris de *chopp* e muita comida aos participantes. Podemos inferir, diante da imagem, que o presidente participa da festa já que ele parece estar em um palanque segurando uma caneca cheia de *chopp* ou cerveja; além disso, há uma alça verde pendurada para que se possa transportá-la com mais facilidade durante os festejos.



Figura 3 (00:15 -00:21)



Figura 4 (00:38 – 00: 45)

O sujeito-produtor tece o seu discurso ao trazer para o limiar desse discurso a imagem de Lula com a caneca de *chopp* acompanhado da música *Eu bebo sim*, essa junção de diferentes materialidades discursivas possibilita a construção do sentido pretendido: afirmar que Lula bebe demasiada e inadequadamente para um presidente. É possível entender que durante os seis segundos que a imagem permanece congelada, o produtor do vídeo simula a opinião de Lula que ergue com certo afinco a caneca de *chopp* ao inserir o seguinte trecho da música: [...] *tem gente que não bebe e está morrendo [...]*.

O momento em que a foto foi tirada não é citado, o que produz uma tentativa de apagamento desse discurso outro que se dá legitimado pelo interdiscurso, essa interdição pode ter sido construída para que o recorte fosse de significado e outras possibilidades interpretativas e de sentidos fossem evitadas (ORLANDI, 2007) para atestar o que diz o sujeito-produtor por meio dos implícitos: Lula está bêbado, é alcoólatra, consome bebida alcoólica com frequência. Todavia, é apagado o sentido de que Lula estaria em uma das maiores festas típicas da região sul do país, que atrai turistas do Brasil e de países vizinhos, gerando riqueza para aquela região; sua atitude de brindar à festa, seus participantes e provar do *chopp* como forma de promover os costumes é interdita de forma que essas interpretações feitas não sejam possíveis de existir.

⁵ A numeração refere-se ao número total de *slides* que compõem a videomontagem, ela não indica a sequência dos *slides* trazidos para a análise; portanto, há a indicação de sua numeração na videomontagem acompanhados das figuras que os representam nesse trabalho de pesquisa.

⁶ Disponível em: <<http://www.belasantacatarina.com.br/noticias/2003/10/04/Para-Lula-Oktoberfest-e-ouma-aula-de-cultura-726.html>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

A figura 4 – sétimo *slide* – mostra Lula e Marisa na festa junina de 2004 na Granja do Torto em Brasília. Eles estão trajados de caipiras⁷, traje típico do mês de junho quando se comemoram as Festas Juninas no Brasil. Após dois segundos, aparece uma tarja vermelha com o seguinte enunciado: *então Lula, uma pessoa séria...* Aqui a ironia⁸ é arquitetada na junção imagem mais materialidade discursiva já que, sob a condução interpretativa do sujeito-produtor, é possível entendermos que uma pessoa séria não usa trajes “inadequados” tais como os de Lula e Marisa, entretanto, a referência ao uso demasiado de bebida alcoólica é trazida por meio da inserção do seguinte trecho da música: *...não bebeu e isto prova que a bebida não faz mal...*

Desse modo, ao recortar a imagem e inseri-la no vídeo, isto é, trazer o outro para o discurso do Mesmo, há a construção de um simulacro sob a atitude de Lula; haja vista que para desmoralizar sua atitude o produtor conduz o internauta para a construção da ideia de que Lula não teria uma postura séria e condizente com seu cargo, a vida seria uma brincadeira, sem a preocupação que deve ter um presidente da república. A emergência dessa imagem acerca do então candidato é produto do apagamento de outros discursos, como o de que Lula, por exemplo, estaria exaltando, promovendo a cultura brasileira ao comemorar suas bodas com uma festa caipira em sua residência oficial e na presença de familiares, amigos e outros políticos.



Figura 5 (00:46 – 00:50)



Figura 6 (00:51 – 00:57)

Nas figuras 5 e 6 – oitavo e nono *slides* – também há o processo de recorte da imagem mais som e o enunciado na tarja vermelha: *então Lula, uma pessoa séria...* No primeiro, houve a inserção do seguinte trecho da música: *...não bebeu e isto prova que a bebida não faz mal/uma pro santo, bota o choro... a saideira, desce toda prateleira...* Nele, vemos Lula de perfil supostamente tocando um berrante ao lado do cantor sertanejo Zezé de Camargo⁹; no segundo, ouvimos: *...diz que vida tá legal, eu bebo sim...eu bebo sim...* e visualizamos Lula em cima de um *skate* ao lado de Sandro Dias,

7 Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/fotos/0,,OI10661EI306,00Festa+junina+na+Granja+do+Torto.html>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

⁸ Entendemos ironia como uma estratégia argumentativa que compõe um discurso de caráter transgressivo, como o derrisório, que abre caminho para o riso ao romper com as convenções e apresentar críticas ácidas a determinados discursos e gêneros do discursos tidos como inatacáveis (MACHADO, 2014).

⁹ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI324120-EI1194,00-Presidente+Lula+recebe+carro+de+boi+de+GO.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

campeão mundial de *skate*¹⁰; é possível entender que ambas imagens trazidas carregam um gesto simbólico sobre o ato de beber.

Na primeira, ao levantar o berrante como quem levanta uma caneca de *chopp* para bebê-lo e na segunda, quando em cima do *skate* o presidente parece perder o equilíbrio como uma pessoa que bebe em demasia e não consegue equilibrar-se ao caminhar. Esses gestos trazidos para o discurso do produtor são traduzidos sob suas categorias, isto é, ao inserir o som e o enunciado já citados, completam o sentido pretendido de que Lula é *bebum*. Há, portanto, nos quatro recortes, a produção de uma heterogeneidade dissimulada sustentada pelo interdiscurso de que Lula consome bebida alcoólica em demasia e, por isso, não deveria ocupar um cargo importante como o de um presidente da República.

Cabe salientarmos ainda que a inserção do enunciado *então Lula, uma pessoa séria...* acompanhado das reticências, permite interpretarmos que seu objetivo é deixar o sentido da frase em aberto, pois a junção imagem e materialidade discursiva pode induzir a interpretação desejada pelo sujeito-produtor, isto é, ela direciona o olhar em consonância com seu objetivo que corrobora com a construção de sentido pretendida, afirmar que Lula não adota uma postura séria e adequada a um chefe de estado já que se fantasia, toca berrante e sobe em um *skate*.

Direto ao assunto: Episódio#02 – Literatura

Direto ao Assunto: Episódio #02 – Literatura compõem uma “série” de seis episódios postadas pelo sujeito-produtor que utiliza o pseudônimo de *Exilados na Rede*. Composta por *slides* que carregam o discurso do produtor da videomontagem, trechos de uma entrevista da candidata Dilma Rousseff em seu *blog* durante sua pré-candidatura¹¹ e, de maneira simultânea, pela inserção de imagens e sons que constroem determinados efeitos de sentido sobre o discurso da candidata.

No primeiro *slide* que se repete nas demais videomontagens da série, encontramos o enunciado: “? *Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula!*”. Enquanto o visualizamos, ouvimos uma espécie de *jingle* em que é possível perceber um assobio e alguns instrumentos; em suma, podemos inferir que a música é de alguém que assobia distraidamente e de modo descontraído. Em seguida, é inserida outra imagem que vai se formando em alguns segundos, nela visualizamos um quadro negro ou lousa, típicos das salas de aula, com a seguinte pergunta redigida com o giz branco: “Ex-ministra do presidente Lula, quais são os seus livros preferidos?”.

O produtor, então, traz o recorte de sua entrevista ao vivo pela internet – entrevista transmitida pelo seu *blog* durante a pré-campanha. As perguntas eram feitas ao vivo e Dilma as respondia simultaneamente – e a atual presidente “responde”: “Bom...¹², livros, né..., eu estou lendo um livro que está me fugindo... tentei falar um pouco sobre a novela pra ver se eu lembrava o nome do livro...”. Enquanto Dilma fala, a câmera mostra as pessoas ao seu lado e a movimentação de uma delas que sai de trás da câmera e se aproxima da mulher de óculos que está ao lado da candidata, como

¹⁰ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/noticias/0,OI239783-EI2246,00.html>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

¹¹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=eapKzN9LZWc>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

¹² As reticências usadas na transcrição representam uma pausa na fala.

podemos visualizar na figura 7. Por aproximar-se bastante da mulher sentada ao lado de Dilma, supomos que ela esteja falando algo em tom baixo, o sujeito-produtor insere então uma flecha vermelha que pisca apontando para a mulher de óculos sentada ao lado da candidata e, ao mesmo tempo, ouvimos uma sirene.



Figura 7 (00:15 - 00:16)



Figura 8 (00:21 – 00:24)



Figura 9 (00:24 – 00:43)

E a candidata continua (figura 8): “...e não lembro...do Sándor Márai¹³, o livro chama, as, as, as brasas, isso mesmo, as brasas...”. Nesse trecho da videomontagem, há a inserção de três imagens no rodapé do vídeo que geralmente aparecem em programas de perguntas e respostas (figura 8 e 9), os denominados *Quiz show* em que o candidato tem de responder corretamente às perguntas para ganhar prêmios, auxiliado por pequenas ajudas ao longo do programa para conseguir responder. As três imagens, representadas pelas figuras 8 e 9, representam essa ajuda que o candidato pode solicitar, ajuda “das cartas, dos convidados ou das placas”, mais especificamente, trata-se do formato do *Show do Milhão*¹⁴.

Observamos que o terceiro ícone – placas – está assinalado com um X (figura 8), como se naquele momento ela tivesse se utilizado da sugestão da plateia (com as placas) para “lembrar” do nome do autor do livro. Podemos inferir que se trata de um efeito de sentido criado pela inserção da placa assinalada, pois, Dilma, um segundo antes do sujeito-produtor assinalar a terceira opção, olha para a plateia com atenção, fato que

¹³ MÁRAI, S. *As Brasas*. Tradução de Rosa Freire de Aguiar. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 176 p. Do húngaro Sandro Márai, “é um romance sobre a amizade, a paixão amorosa e a honra”. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11148>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

¹⁴ *Show do Milhão* foi um programa de televisão brasileiro de perguntas e respostas, que concedia um prêmio máximo de 1 milhão de reais. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Show_do_Milhão> Acesso em: 24 abr. 2015.

permite-nos supor que a opção é assinalada porque nesse jogo Dilma já fez uso de uma das suas três opções ao voltar seu olhar para a plateia.

Os três ícones desaparecem para, segundos após essas imagens, voltarem e o segundo ícone ser assinalado com um X; esse ícone é o dos convidados, isto é, Dilma teria pedido ajuda aos convidados. Ideia que corrobora com a ação da candidata em se voltar para o seu lado esquerdo onde está sentada a mulher de óculos (Helena) que conversa com uma outra pessoa que se aproximou, indicada pela flecha vermelha na figura 7. É possível supor que essa terceira pessoa passa a informação para Helena que transmite à Dilma, fato que é confirmado porque podemos ouvir Helena dizer “brasas” (portanto, Helena e a terceira pessoa seriam os convidados que “sopram” para Dilma o nome do livro) e a candidata continua: “as, as... as brasas...é isso mesmo, as brasas (*as três opções de ajuda são retiradas*) ...é talvez uma das... (*há uma pausa na fala de 4 segundos acompanhada da inserção do tic-tac de um relógio e quando a imagem “volta”, ouvimos uma campanha*) assim, me impactou muito, eu conclui ele ontem a noite rapidinho porque eu consigo lê no domingo...”.

Após assistirmos a montagem, notamos que o discurso humorístico possibilita a construção de sentido em torno da ideia de que a candidata à presidência não leu o livro que cita na entrevista, pois, uma terceira pessoa teria se aproximado para supostamente dizer, “soprar” o nome de uma determinada obra para Dilma; fato que vem sustentado por um *imaginário social* (CHARAUDEAU, 2008) sobre a leitura, de que o verdadeiro leitor se lembra do que leu ou deve se lembrar do que leu.

Desse modo, ao trazer para o seu discurso o discurso outro, o sujeito-produtor permite que esse discurso seja demarcado, ou seja, traduzido a partir de suas categorias, de seu interdiscurso, e para que esse mecanismo de construção da heterogeneidade dissimulada do discurso se dê, o produtor lança mão de recursos da multimodalidade como a inserção das três imagens, o som do relógio, da campanha e a pausa. Nos deparamos com a emergência de um discurso que atesta que se ela não se lembra é porque não leu (logo, ela mente na entrevista, como todo político, ela é mentirosa), permitindo a emergência de alguns implícitos, tais como a ideia de que “quem não lê, não é inteligente, não é intelectual e, por isso, não tem competência para bem governar o país”. Dilma, assim como Lula, seria analfabeta por não estar lendo um livro, seria uma não leitora, votar em uma não leitora seria promover a burrice, pois quem não lê é burro. Porém, ler em si não torna ninguém melhor e não compila valores como sabedoria, competência ou honestidade, assim, relacionar leitura com inteligência, com competência com grau de formação elevado é um equívoco (BRITTO, 2003).

Logo, ler pode ser sinônimo de intelectualidade e inteligência, estar lendo um livro sempre, fazer da leitura um hábito diário e rotineiro em que se deve ler muitos e bons livros é parte do que encontramos no imaginário social sobre a leitura no Brasil. De tal modo que nunca se pode dizer que “não se está lendo livro”, é possível entender que a candidata Dilma não estaria autorizada a dizer que não está lendo algo, isto porque há um discurso pedagógico e acadêmico de que ler precisa se tornar um costume, que as crianças e os jovens de hoje não têm o hábito da leitura, e hábito se traduz simplesmente, segundo esse discurso, como a ininterrupção da leitura, do sempre estar lendo algo.

Assim como Dilma não estaria autorizada a dizer que não está lendo um livro, ela também não poderia ler “qualquer” livro, haja vista que alguns tipos de leitura são

mais valorizados que outros (ABREU, 2006). Assim, os discursos convencionais sobre leitura propagam o conceito de que existem leitores de segunda categoria que não se utilizam da norma culta da língua e não leem as obras indicadas, por isso podem ser considerados até como cidadãos de segunda categoria (ABREU, 2001).

Outra possibilidade interpretativa que se sustenta no interdiscurso do sujeito-produtor é a de que devemos sempre nos lembrar dos livros que lemos, todavia, a leitura, segundo Bayard (2007), está constitutivamente ligada ao movimento do esquecimento. Quando iniciamos a leitura já começamos também a esquecer o que estamos lendo, ela vai desaparecendo de maneira simultânea ao ato de ler e, assim, vamos nos tornando não leitores. Por conseguinte, esse apagamento é o processo de desleitura que pode atingir todos os componentes do livro. O leitor, como nos conduz o *imaginário social*, deve ser um exemplo já que ele é tido como símbolo de inteligência e cultura; além disso, ele deve sempre se lembrar do que leu ainda mais quando pretende ocupar o cargo de maior liderança do país, a presidência da República.

Considerações finais

Foi possível constatar que Lula, diferentemente de outros políticos, adota um comportamento e um discurso que favorecem a construção de um discurso derrisório porque ele, na maioria das vezes, não observa seus próprios atos, é como se não utilizasse uma filtragem do chamado *bom senso* ou o que espera o senso comum de um presidente. Já Dilma deixa brechas para que se construa a ideia de que ela é adestrada por Lula em virtude da cadência de sua fala e, possivelmente, os equívocos que comete em seus discursos.

Portanto, os dois atores políticos possibilitam que se instale a contestação e instaure a derrisão, pois quem é vítima da derrisão geralmente “cometeu” algum ato que pode ser considerado falho diante da sociedade; o sentido que se pretende construir é sempre por intermédio de implícitos disponibilizados pela surpresa que proporciona a construção do humor. Em suma, quando retratamos o político derrisoriamente estamos invertendo uma ordem de poder pré-estabelecida. O presidente da república seria aquele que possui a autoridade de maior destaque e, no *imaginário social*, de maior poder também. Todavia, quando o (ou a) presidente é traduzido derrisoriamente, o internauta e o produtor das videomontagens comungam de uma posição de superioridade em relação a eles.

Compreendemos como se dá a construção do discurso político humorístico em textos multimodais, tidos como não oficiais, mas opinativos, que estabelecem um ponto de circulação de sentido no qual sujeitos-internautas podem acessar e se inscrever nos discursos engendrados por essas videomontagens que dissimulam o Outro/outro a partir de suas filiações históricas, políticas e ideológicas. Isto porque as videomontagens analisadas constroem novas formas de representar discursivamente um fenômeno social que é o discurso político já que mobilizam recursos técnicos de dispersão de discursos relativamente novos que amplificam a comunicação social e constroem um simulacro de um discurso político. Há o estabelecimento de uma posição crítica baseada na confluência de memórias discursivas que dariam coesão a uma comunidade.

As novas mídias, sobretudo o YouTube, tem um papel na produção e circulação de discursos que engendram uma espécie de *espetacularização* da política e uma

consequente *despolitização* do político, ou seja, papel social no sentido de função mediadora e construtora de discursos possíveis de serem os legítimos de seu tempo e espaço, bem como elemento de coadunação entre os múltiplos sentidos em uma direção unívoca, muitas vezes, marcada por um forte matiz ideológico.

Por isso, cada recurso multimodal utilizado que aparece representaria uma suposta voz da democracia, de uma parcela ou não da população que pode expressar e compartilhar ideias juntamente com o sujeito-produtor das videomontagens. Assim, temos uma relação em cadeia, a ideia do sujeito e o sentido determinam o gênero do discurso, e este determina a maneira como se dará essa relação. Todavia, isso não acontece em sequência, pois estabelece uma relação de dependência que faz eclodir tudo simultaneamente, fato que produz determinados efeitos de sentido (ARAUJO, 2011).

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Diferença e Desigualdade em leitura. In: MARINHO, M. (org.). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 139-157.

_____. Literatura, leitura, cultura. In: _____. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p. 9-41.

ARAUJO, L. M. B. M. *Política e derrisão no YouTube: uma leitura discursiva*. 2011, 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, 19. Campinas: IEL, 1990. p. 25-42.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apres. Marlene Teixeira. Revisão da trad. Leci Barbisan e Valdir Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 257 p.

BAYARD, P. *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 208 p.

BARONAS, R. Notas breves sobre a derrisão no gênero do discurso fotografia. In: *Polifonia*. Cuiabá: EDUFMT, v. 2, p. 1-11, 2004.

_____. Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada. In: *Revista Polifonia*. Cuiabá, EDUFMT, p. 99-111, 2005.

BARONAS, R.; KOSCIURESKI, M. Observações sobre a textualização do “sic” no discurso político: marcas de derrisão. In: NAVARRO, P. (org.). *Estudos do Texto e do Discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 229-242.

BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. Tradução de Rosário Gregolin e Fábio Montanheiro. In: GREGOLIN, M. R. (org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 35-48.

BRITTO, L. P. Leitura e Participação. In: _____. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 99-114.

BURGESS, J.; GREEN, J. *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. Tradução de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009. 239 p.

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008. 328 p.

Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qWgol6I-YpY&feature=relmfu>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

Lula Bebum. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mQj_gOsGeNM>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MACHADO, I. Uma analista do discurso face aos ditos de dois políticos: narrativas de vida que se entrecruzam. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.3, p.68-8, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista3/eidea3-05.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

_____. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. In: *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*, Lael/PUC, São Paulo, n. 9, p. 108-128, jan./jul. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/13840/14752>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2007. 189 p.

_____. *Discurso e Análise do Discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015. 189 p.

MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

ORLANDI, E. Maio de 1968: Os Silêncios da Memória. Tradução de José Nunes. In.: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2007. p. 59-69.

SALMON, C. *Storytelling: La machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. Paris: Editions de La Découverte, 2007. 252 p.

Recebido em: 18/09/2015

Aprovado em: 05/08/2016